

LIMITES E POSSIBILIDADES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: UMA LEITURA A PARTIR DOS/NOS ESPAÇOS E TEMPOS DA GEOGRAFIA DA MISÉRIA

LIMITS AND POSSIBILITIES OF GEOGRAPHICAL THINKING: A READING OF / ON THE SPACE AND TIME ANALYSIS OF THE GEOGRAPHY OF MISERY

LÍMITES Y POSIBILIDADES DEL PENSAMIENTO GEOGRÁFICO: UNA LECTURA DE/EN LOS ESPACIOS Y TIEMPOS DE LA GEOGRAFÍA DE LA MISERIA

Alexandrina Luz Conceição

Professora Dra NPGeo/UFS e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de reordenamentos Territoriais/GPECT/CNPq/UFS
aluz@oi.com.br

RESUMO

Conforme as teorias liberais, somente o indivíduo isolado, abstraído de toda relação de classe social, pode assumir com liberdade e autonomia a associação voluntária dos indivíduos na sociedade. Partimos do pressuposto de que a adoção da ideia da concepção do indivíduo isolado como parâmetro para a compreensão das soluções conflitivas nega os antagonismos de classe que passam a ser compreendidos como conflitos individuais, competitivos, o que alimenta o discurso da servidão ao mercado, do fetichismo da mercadoria. Afirma-se neste artigo que, ao se descontextualizar o real na tentativa de dar conta de uma cientificidade, abstraem-se as condições e contradições da realidade, o que resulta na substituição da teoria pela metodologia, que representa o caráter apologético da afirmação do discurso da negação da história e consequentemente do congelamento do real ao natural. Neste sentido, o discurso geográfico, embora se apresente anunciador da contraposição, permanece limitado, congelado, mitificado que se retroalimenta aprisionado em um eterno retorno. Não se faz aqui o discurso da visão teleológica, do finalismo da historiografia tão proclamada no século XIX, pois se entende que um fenômeno histórico só se torna compreensível por meio da construção de todas as partes, e as partes se sucedem em formas descontínuas, porque são contraditórias. Reafirma-se a categoria totalidade como princípio, sem, contudo perdermos de vista as contradições processuais frente às mediações de primeira e segunda ordem do capital, que permitem identificar e superar as diferenças: as especificidades na singularidade das relações historicamente produzidas, e colocarmos nossas esperanças na Geografia que buscamos fazer na práxis, da teoria crítica, pela supressão da mercadoria, do capital. Falamos da Geografia dos discursos dos desiguais, dos que se encontram cada vez mais violentados nos espaços da miséria.

Palavras-chave: Discurso geográfico, totalidade, espaço da miséria, divisão social e territorial do trabalho

ABSTRACT

According to the liberal theories, only the isolated individual, abstracted from all social class relations, can assume the voluntary association of individuals in the society with freedom and autonomy. It is assumed that the concept of the isolated individual as a parameter for understanding the conflicting solutions denies the class antagonisms that become understood as individual conflicts which strengthen the discourse of slavery to the market and the fetishism to the goods. It is



stated in this article that when the real is taken out of context, in an attempt to account for a scientific approach, the conditions and contradictions of reality are abstracted. This results in the substitution of the theory by the methodology, which represents the affirmation of the apologetic speech of history denying and consequently the freezing of the real to the natural. In this sense, the geographical speech, despite presenting the contrast, remains limited, frozen, mythologized, feeding back trapped in an eternal return. In this paper, it is not elaborated the speech of the teleological view, the view of the historiography end, so proclaimed in the XIX century, because it is understood that a historical phenomenon only becomes comprehensible through the construction of all parts, and the parts succeed in discontinuous ways, because they are contradictory. It is reaffirmed the totality as a principle, without losing contact with the contradictions that exist on the first and second order capital procedural mediation, identifying and overcoming the differences: the uniqueness of the specific relationships historically produced, and without putting hopes in the Geography that is done in the praxis, in the critical theory, considering the suppression of the goods and the capital. This paper talks about the Geography that has its speech based on the unequal, those who are increasingly being violated in the spaces of misery.

Keywords: geographical speech, totality, misery space, social and territorial labor division

RESUMEN

Conforme las teorías liberales, solamente el individuo aislado, abstraído de toda relación de clase social, puede asumir con libertad y autonomía la asociación voluntaria de los individuos en la sociedad. Partimos del presupuesto de que la adopción de la idea de la concepción del individuo aislado, como parámetro para la comprensión de las soluciones conflictivas, niega los antagonismos de clase que pasan a ser comprendidos como conflictos individuales, competitivos, lo que alimenta el discurso de la servidumbre al mercado, del fetichismo de la mercancía. Se afirma en este artículo que, al descontextualizarse lo real en la tentativa de dar cuenta de una científicidad, se abstraen las condiciones y contradicciones de la realidad, lo que resulta en la sustitución de la teoría por la metodología, que representa el carácter apologético de la afirmación del discurso de la negación de la historia y, consecuentemente, del congelamiento de lo real a lo natural. En este sentido, el discurso geográfico, aunque se presente anunciador de la contraposición, permanece limitado, congelado, mitificado y se retroalimenta aprisionado en un eterno retorno. No se hace aquí el discurso de la visión teleológica, del finalismo de la historiografía tan proclamada en el siglo XIX, pues se entiende que un fenómeno histórico sólo se hace comprensible por medio de la construcción de todas las partes, y las partes se suceden en formas discontinuas, porque son contradictorias. Se reafirma la categoría totalidad como principio, sin que, no obstante, perdamos de vista las contradicciones procesuales frente a las mediaciones de primer y segundo orden del capital, que permiten identificar y superar las diferencias: las especificidades en la singularidad de las relaciones históricamente producidas, y coloquemos nuestras esperanzas en la Geografía que buscamos hacer en la praxis, de la teoría crítica, por la supresión de la mercancía, del capital. Hablamos de la Geografía de los discursos de los desiguales, de los que se encuentran cada vez más violentados en los espacios de la miseria.

Palabras clave: discurso geográfico, totalidad, espacio da miseria, división social y territorial del trabajo.

1 QUESTÃO EM REFLEXÃO



Embora a pós-modernidade se apresente como restituidora do sujeito o deslocamento da realidade para o sujeito enunciador, enquanto categoria de análise, a coloca, em condição paradoxal. O que se observa é uma hipóstase, uma inversão de categorias analíticas, na qual o Outro se constitui o Mesmo - o Outro se institui como resultante do discurso para dar força a este. A enunciação, antes de confirmar-se como dialógica, reforça o monologismo. O Sujeito posto como particular, plural e diferente se metamorfoseia paradoxalmente no universal porque cidadão, porque comum: comunidade, em contraposição à concepção sociológica de classe social. Contraditoriamente, sob o signo da identidade, prega-se um sujeito indefinido, de caráter plural, justificado no rótulo do uno, unicidade.

Conforme as teorias liberais, somente o indivíduo isolado, abstraído de toda relação de classe social, pode assumir com liberdade e autonomia a associação voluntária dos indivíduos na sociedade. A adoção da ideia da concepção do indivíduo isolado como parâmetro para a compreensão das soluções conflitivas permite a negação dos antagonismos de classe que passam a ser compreendidos como conflitos individuais, competitivos. Em lugar de realidades sociais altamente conflitivas, é posta a ilusão de soluções puramente instrumentais (MÉSZÁROS, 2004). Nesta projeção, o mundo está velado sob o véu da democracia do discurso de Um para Todos: o discurso da servidão ao mercado, do fetichismo da mercadoria.

Nesta dimensão escalar, a sociedade civil é convocada em nome do princípio da cidadania, da democracia na luta individual e coletiva dos direitos e deveres para a garantia de novos espaços de participação política, pressionando o Estado para propor e criar políticas sociais na construção de uma cidadania participativa e de qualidade.

Nesta trajetória, embora o discurso geográfico se apresente anunciador da contraposição, a ideia de Estado permanece limitada, congelada, mitificada, que o retroalimenta, aprisionando-o a um eterno retorno.

2 DESEMBARAÇANDO OS FIOS



Na tentativa de dar voz ao Sujeito castrado pelo discurso do Estado e das Ciências Sociais e na especificidade de alguns discursos na/da Geografia, é preciso compreender os três planos do discurso.

No primeiro plano, é preciso desvelar o Sujeito de quem se fala; no segundo, busca-se situá-lo nos tempos e espaços revelados; no terceiro, é preciso o exorcizar das tramas que aprisionam o real ao demiurgo e indicar os limites e as possibilidades do/no pensamento geográfico.

Considerando que o discurso tem uma estrutura polifônica, estando simultaneamente na dimensão diacrônica/sincrônica, inscrito em diversos tempos históricos, todo discurso é denso, não há neutralidade; todo discurso tem no seu enunciado a posição de uma classe social. Ao posicionar-se no discurso (desde que não há neutralidade de discurso), este é feito em nome de uma classe social. Todo discurso assume a tensão do objeto que deve ser exposto por um sujeito em múltiplos sujeitos que o representam: cada Instância de Enunciação constitui um espaço referencial do sujeito de sua fala que se articula a outra voz ou a outras vozes: - de quem se fala; - o que se fala; - para que se fala; - quem fala, cuidando para deixar explícitos os planos das falas, uma vez que cada fala é carregada no plano do poder do real e do simbólico. São vozes distintas, diferentes, opostas, na disputa semântica em que estas se apresentam nos fios e nos rastros do verdadeiro, do falso e do fictício, como produtores de discursos desiguais (GINZBURG, 2007).

Ao assumir o texto (quem fala), enquanto narradora falo a partir da realidade dos fios que se desenrolam dos novelos das narrativas, das e nas especificidades dos Sujeitos dos e nos espaços da miséria. No primeiro plano, diferentemente do entendimento lacaniano, o Sujeito de quem se fala não está oculto, embora alienado, fetichizado pelo valor da mercadoria; ele é real, porque existente, porque individual enquanto ser social, logo sem ele não há discurso. O reconhecimento da consciência no outro só se torna social quando o outro se torna uma necessidade da consciência. Aqui, enquanto o Outro, ele se desvela nos espaços das fronteiras e dos sem fronteiras, nos espaços impercebíveis nos e dos horizontes das mediações do capital.

Refletir sobre a trajetória da Geografia e sua construção política social no Brasil significa refletir sobre as formas do pensar geográfico nas suas intervenções na temporalidade histórica, no que implicam as mudanças espaciais no fazer e no pensar a geografia, no que se refere sobretudo à espacialização das relações sociais dos indivíduos e sobre os indivíduos enquanto seres coletivos. Entendemos que esta reflexão exige compreender o discurso institucionalizado do geógrafo no que pese sua vinculação ao Estado-Mercado.

Conforme a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o desemprego mundial atingirá mais de 202 milhões de pessoas em 2013 e baterá o recorde absoluto de 199 milhões que data de 2009. O número de desempregados no mundo vai crescer 5,1 milhões em 2013 assumindo mais 03 de milhões em 2014. Nas economias consideradas em desenvolvimento, os jovens são mais vulneráveis ao subemprego e à pobreza. Conforme a OIT, o desemprego, o subemprego e o desânimo podem levar os jovens a um impacto negativo em longo prazo. Os jovens são os mais afetados.

O Relatório “Tendências Mundiais do Emprego Juvenil em 2013 – Uma Geração em Perigo”, de 08 de maio lançado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), afirma que a taxa mundial de desemprego juvenil voltou a subir em 2012, registrando um índice de 12,4%. A estimativa é de que há uma tendência de aumento global, e neste ano de 2013 a taxa irá para 12,6%. A estimativa é a de que cerca de 73,4 milhões de jovens estarão desempregados em todo o mundo neste ano, o que significa 3,5 milhões a mais do que em 2007 e 0,8 milhões a mais que em 2011¹.

O que confirma a situação do desemprego estrutural mundial é o aumento crescente do tempo de retorno ao trabalho dos jovens. Neste ano de 2013 foi registrado que, 35% dos jovens desempregados nas economias desenvolvidas permanecem sem emprego por seis meses ou mais, contra 28,5% em 2007. Cada vez mais os jovens tem abandonado o mercado de trabalho, o agravante é que destes muitos não mais são registrados, nem trabalhando, nem desempregados, nem em formação/escolar.

O número de pessoas em situação de insegurança alimentar e de fome tem crescido no mundo. Segundo a FAO e o Programa Mundial de Alimentos da Organização das Nações Unidas, em consequência da crise econômica e do aumento dos preços dos alimentos, aproximadamente 925 milhões de pessoas no mundo não comem o suficiente para serem consideradas saudáveis. Isso significa que uma em cada sete pessoas no planeta vai para a cama com fome todas as noites (FAO, 2012). Quase 05 milhões de crianças morrem cada ano de doenças que são evitáveis como a diarreia e o sarampo. Mais de 60 % das pessoas vítimas da fome crônica são mulheres².

Segundo relatório elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS) nos países considerados menos desenvolvidos, 97 em

¹ Adital – notícias da América Latina e Caribe. Relatório da OIT revela que desemprego juvenil voltou a crescer, 20 mai2013. Disponível em http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=75391, Acessado em 10 de agosto de 2013.

² Disponível em: <http://www.actionaid.org.br/Informba%C3%A7%C3%A3ob/Acontece/Deza%C3%A7%C3%B5escontraafome/tabid/827/Default.aspx>. Acessado em: 12 jun. 2012.

cada 100 pessoas não têm água canalizada e 14% da população bebe água de superfície - de rios e de lagos.

Os fluxos de investimentos externos diretos na África se concentram no setor primário, principalmente na indústria petrolífera, em detrimento da produção de alimentos. O continente africano possui reservas de cerca de, 12% do petróleo mundial, 40% do ouro e 80 a 90% do grupo de metal de cromo e platina, e vastas terras aráveis e recursos madeireiros. O que se espera dos países africanos, como dos países asiáticos ou latino americanos, é o aumento das exportações na direção de uma política econômica para a expropriação da terra e do trabalhador, com o objetivo de intensa extração de suas riquezas para a garantia da centralização e acumulação de riquezas como fonte de reequilíbrio global, para solução da recessão e desequilíbrios globais.

A atual crise alimentar em um momento em que a produção mundial de alimentos está em alta demonstra o paradoxo do discurso da ideologia da globalização e acentua o que se busca esconder, a grave crise estrutural do modelo neoliberal. A transferência do controle dos preços dos alimentos para o mercado acarretou a intensiva especulação dos fundos de investimentos privados no controle dos estoques dos produtos alimentícios, provocando o aumento crescente de preços e agravando de forma perversa a fome.

Embora constantemente seja evidenciado o glamour do avanço tecnológico, do domínio da comunicação e todo o modelo educacional e de saúde no mundo esteja estruturado pelo controle da rede de informática, mais de 50% da população não têm noção do que seja informática. Mas como subalternos ao capital, e onipresentes, embora ausentes da sua própria condição de reconhecimento enquanto Sujeito alienado, a grande maioria, direta e indiretamente, está em uma multivariada de redes sob o controle do capital. A ideologia da descentralização da informação e consequentemente sua socialização produz uma falsa coletividade dos bancos de dados do sistema mais popularizado do *Google* e do *You tube* que alimentam informações (quanto mais uso, mais valor de mercado, portanto grandes lucros), pela exploração do trabalho não pago e fornecido de bom grado.

3 O DESVELAMENTO

No segundo plano, encontram-se os Sujeitos nos tempos e espaços revelados – do mundo des/velado, situados nos tempos e espaços revelados nas suas essências e nas suas existências da



realidade vivida, percebida e concebida. Falam-se então dos Sujeitos históricos, porque situados nos tempos/espaços mesmo que desistoricizados no processo da alienação, no mundo que se vela sob o véu da democracia no espaço desigual e contraditoriamente combinado. Nos espaços e tempos da geografia da miséria, os Sujeitos descartáveis vivenciam a fome, a subnutrição, o cansaço da exploração, o descaso e a violência nos diversos lugares do mundo.

Como afirmou Eduardo Galeano no seu artigo *Império do Consumo* (2007):

Esta civilização não deixa as flores dormirem, nem as galinhas, nem as pessoas. Nas estufas, as flores estão expostas à luz contínua, para fazer com que cresçam mais rapidamente. Nas fábricas de ovos, a noite também está proibida para as galinhas. E as pessoas estão condenadas à insônia, pela ansiedade de comprar e pela angústia de pagar. Este modo de vida não é muito bom para as pessoas, mas é muito bom para a indústria farmacêutica³.

A leitura geográfica da miséria exige o simples entendimento de que a apropriação do espaço é perversamente desigual. O maior aumento de pessoas sem moradia fixa está na África, Ásia e na América Latina, onde cerca de 30% da população vivem em assentamentos ilegais, carentes de infraestrutura e serviços, ou amontoados em locais deteriorados.

Apesar de terem uma das maiores rendas *per capita* do mundo, os Estados Unidos apresentam o pior índice de pobreza humana entre os países ricos. Segundo dados do Departamento do Trabalho publicados no *Wall Street Journal*, a diferença de renda entre os mais ricos e os mais pobres nos Estados Unidos aumentou 42% de 2002 a 2012. Em 2002, o grupo dos 10% mais ricos ganhava em média, US\$ 1.078 a mais por semana do que o dos 10% mais pobres; em 2012, esse intervalo aumentou para US\$ 1.498. Nos Estados Unidos, os 10% mais ricos ganham quinze vezes mais que os 10% mais pobres. Os grandes ricos, que representam 0,1% dos estadunidenses, são os mais beneficiados. Eles acumulam uma renda anual na média de 27,3 milhões de dólares, o que representa 0,01% da população e recebem 6% do total da renda das famílias estadunidenses.

Este resultado revela que a crise econômica deixou a questão dos desempregados em uma situação crônica. O aumento ou diminuição relativa da oferta de emprego não vai recuperar mais de oito milhões de empregos que foram perdidos desde o final de 2007⁴. O número total de desempregados nos EUA supera a casa dos 15 milhões, dos quais 6,5 milhões (ou seja, 44,1%) são considerados desempregados de longa duração, aqueles que estão sem emprego há 27 semanas ou mais.

³ GALEANO, Eduardo. *Império do Consumo*, 2007. Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=90. Acessado em: 25 maio 2012.

⁴ Disponível em: www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=23272. Acessado em: 25 maio 2012.

O fosso entre ricos e pobres, em relação a pessoas, regiões ou países, tem sido cada vez mais alarmante. Apenas cerca de 01 bilhão dos 06 bilhões de habitantes do planeta – pouco mais de 15% do total –, a esmagadora maioria nos países desenvolvidos, se beneficiam dos resultados de 80% da produção mundial. Nos últimos 40 anos, enquanto a renda *per capita* nos 20 países mais ricos praticamente triplicou, nos 20 países mais pobres não avançou um terço. Daí o abismo de 120 vezes entre os US\$ 30 mil *per capita* de um grupo e os US\$ 270 do outro. Os 20% mais ricos do mundo respondem por mais de 85% do consumo mundial, enquanto os 20% mais pobres não conseguem consumir nem 1% do que o mundo produz. A quinta parte mais rica da população recebe duas vezes mais recursos na área de saúde que o quinto mais pobre, perfil melhor que o de Gana, porém pior que o da Indonésia. Os países em que a desigualdade avançou com maior velocidade são Rússia, China, Japão e África do Sul.

No mundo revelado desvela-se o terceiro e último plano, a partir da realidade (do existente) dos que têm o poder da fala nos limites e possibilidades do pensamento geográfico no mundo em revelação. O pensamento geográfico se revela como ininteligível exatamente para se fazer cognoscível, uma vez que é institucionalizado e reconhecido. Fala-se aqui das geografias que temos e que se anunciam. Assim como nas ciências sociais, a geografia se des/vela enquanto ciência que tem se afirmado no discurso da pós-modernidade, do discurso da negação da metanarrativa, da metahistória. Priorizam-se cada vez mais pesquisas de campo sobre temáticas deslocadas do discurso de classe social. Fala-se de lugares em laboratórios, fala-se da natureza natural sem sociedade. São raríssimas as exceções dos que ainda compreendem o espaço a partir da centralidade do trabalho.

Sustentados na leitura do presente paradoxalmente negam a história, e até mesmo a historicidade e anunciam em nome das rápidas transformações tecnológicas o fim da história, o “fim da geografia” em tempos da pós-modernidade; há um ataque às projeções universalistas, à perspectiva totalizante e à negação da metanarrativa, e a defesa da antinarrativa. A vida cultural é apreendida em um plano exterior à lógica capitalista. Objetiva-se dissolver todas as narrativas e metateorias num universo difuso de jogos de linguagem. O desconstrucionismo terminou por reduzir o conhecimento e o significado a um monte desordenado de significantes (HARVEY, 2007, p. 315).

Há uma deserção da teoria marxista afirmando-se a sua impraticabilidade por não ter dado conta da permanência do socialismo, o que legou uma crise de referenciais. A concepção pós-moderna e pós-estruturalista a partir de 1968 “desembocou numa vigorosa denúncia da razão

abstrata e numa profunda aversão a todo projeto que buscasse a emancipação humana universal” (HARVEY, 2007, p.46). Nesta trajetória, identifica-se a perda dos referenciais utópicos, das possibilidades de uma sociedade de iguais e livres, mas em nenhum momento questiona-se o capitalismo, e o reconhecem como incontável no seu sistema sócio metabólico. Ou mesmo como afirma Terry Eagleton (2005a, p 50): “O pós-estruturalismo e o pós-modernismo iriam provar-se igualmente ambíguos, subvertendo os fundamentos metafísicos da sociedade de classe média com algo do relativismo de mercado que a caracteriza”.

O que anunciam então é a negação do Sujeito no seu perfil revolucionário, do coletivo, e se assume o discurso da natureza coisificada, naturalizada, embora paradoxalmente identificada de social. Para Roberto Kurz (2003):

[...] quanto mais estridente se torna o discurso da maravilhosa “individualidade” moderna e ocidental, mais os seres humanos particulares tornados realmente abstractos se assemelham uns aos outros, como um ovo se assemelha a outro, até a postura exterior, e mesmo até aos pensamentos e sentimentos, que são comandados mecanicamente pelas modas e pela mídia, em conformidade com as conveniências do fetiche da valorização, destituídos de toda sua originalidade⁵.

Na modernidade, permanece o mesmo conceito particular do indivíduo; reafirmado pela individualidade moderna, a liberdade burguesa é essencialmente uma ilusão de ótica.

4 O REVELAMENTO

Vivemos o mundo da fluidez, da efemeridade, da insegurança; da vulnerabilidade. Bauman (1998) identifica a sociedade pós-moderna como de “síndrome do consumismo”, marcada pela incapacidade de se manter laços duradouros, a substituição da durabilidade pela transitoriedade e pela novidade, o encurtamento do período de tempo entre o desejo de sua realização e a utilidade e deseabilidade das posses de sua inutilidade e rejeição. Na leitura de David Harvey, no seu livro *Condição Pós-Moderna*, ele afirma que:

A flexibilidade pós-modernista por seu turno é dominada pela ficção, pela fantasia, pelo imaterial (particularmente do dinheiro), pelo capital fictício, pelas imagens,

⁵ KURZ, Robert. *Ontologia Negativa: as eminências pardas do iluminismo e a metafísica histórica da Modernidade*. Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz115.htm>. Acessado em: 25 maio 2012.

pela efemeridade, pelo acaso e pela flexibilidade em técnicas de produção, mercados de trabalho e nichos de consumo (HARVEY, 2007, p.303 e 305).

Não se nega que a aceleração das transformações é fundamental como motor de novos tempos, não se nega a sua volatilidade, entretanto o que faz parecer é que, ao se definir estas categorias como paradigmas de uma leitura do tempo espaço da atualidade, de uma pós-modernidade, em negação à modernidade, comete-se o erro de não se ler a historicidade dos tempos e espaços das desigualdades, marcados pela mobilidade, pela falta de estabilidade, das migrações errantes, desde as cercanias, do exército de reserva estagnado e latente a serviço do capital nos tempos memoráveis da industrialização.

Não se nega que há perda do salário como certeza do emprego, da volatilidade do capital financeiro especulativo, do capital formador de bolhas, o que se tenta memorizar são os seus rastros no tempo histórico do capital.

Tentando não reconhecer a gravidade da crise, os Estados nacionais direcionam suas ações a partir do entendimento de que a crise é de insolvência. A nacionalização, através de gigantescas injeções de dinheiro pelo Estado (via o desvio de fundos públicos), para salvar o capital privado, cria a fantasia de novas possibilidades da expansão financeira.

François Chesnais (2012), na sua conferência sobre *As raízes da crise econômica mundial*, considera que a crise é crescente e é marcada pela incapacidade dos governos, os bancos centrais, o Fundo Monetário Internacional e os centros privados de centralização e de poder do capital tomado coletivamente encontrar, por agora pelo menos, os meios de gerar a produção de valor e de mais valia mediante a contratação e o emprego de assalariados e a venda de mercadorias para a criação de novas capacidades de produção.

Na incapacidade de conceber qualquer outro “regime de crescimento”, a política estadunidense se reduz às injeções de dinheiro pelo Banco Central (FED) sem que se saiba até onde isso pode durar (CHESNAIS, 2012). O que se tem, conforme o autor é uma “excrecência” de acumulação de capital fictício de montante sem precedente. Na busca da valorização “sem fim e sem limite”, não importa qual é o limite e consequências da exploração da terra e do trabalhador.

As economias vivem em recessão e na perspectiva do aumento cada vez mais crescente do desemprego. As grandes economias, se de um lado buscam ajudar as empresas em falências através dos empréstimos na escala internacional, se veem pressionadas no limite da ajuda mútua do capital, nos seus próprios limites conjunturais, que se revelam nas contradições da lei do movimento do

capital, na busca de altas taxas de lucros, em recessão e na perspectiva do aumento cada vez mais crescente do desemprego. (CASTILLOS, 2008) ⁶.

Os trabalhadores imigrantes estão sendo expulsos de seus postos. Na China, os imigrantes são dispensados principalmente dos setores de construção, estaleiros e indústrias manufatureiras. Na Rússia, onde 40% dos empregados do setor de construção civil são, em sua maioria, provenientes de ex países da União Soviética, há o medo da demissão somado ao crescimento da xenofobia com o consentimento do Estado. Nos EUA, a recessão se mostra um alibi para ativistas e parlamentares na luta contra a imigração.

No campo, o agronegócio, na sua lógica concentradora de terras, de tecnologia e de riquezas tem expropriado milhares de famílias agricultoras e intensificado o desemprego, a precarização e a escravização. A expansão de monocultivos da cana-de-açúcar, da soja e do eucalipto são exemplos do modelo da recolonização dos países periféricos, com o retorno da monocultura, do grande latifúndio, do poder dos grandes proprietários e das multinacionais.

Nesta configuração, o espaço produzido e suas imbricações nas diferentes perspectivas escalares - dimensão local, nacional e internacional no constructo das redes – são tecidas na política municipal, estadual e nacional sob a égide do controle internacional. E o pensamento geográfico institucionalizado se embrenha legitimando o discurso da expansão imperial, da segunda instância do modelo colonialista.

O discurso geográfico se sedimenta no poder espacializado da divisão social e territorial do trabalho, em bases capitalistas de produção. Como afirmava Milton Santos no seu livro *Por uma Geografia Nova*, ao adequar-se às necessidades de expansão colonial/imperialista, a geografia não conseguiu desligar-se do seu passado carregando-o consigo. Na análise do autor, o objeto da geografia é a própria realidade social. Trata-se de encarar o espaço como ele o é: espaço como um fato social, um fator social e uma instância social. Conforme Milton Santos (1980), para desmistificar o espaço, precisamos levar em conta dois dados essenciais: a paisagem (lugar da reivificação) e a sociedade total (formação social que anima o espaço), fazendo a crítica à visão reducionista, economicista – que vê o espaço como uma estrutura subordinada ao econômico. Reafirma-se como Milton Santos o que levou e ainda tem levado a um grave erro epistemológico: os geógrafos sempre estiveram mais preocupados com uma discussão narcísea em torno da geografia como disciplina do que com a preocupação do seu objeto. Discute-se mais sobre a geografia do que sobre o espaço, do que sobre a realidade.

⁶ Palestra proferida por Christian Castillos, na cidade de Buenos Aires, na Facultad de Ciencias Sociales, em 18 de outubro de 2008.

Nesta exata dimensão, é que se busca estabelecer a diferença entre o discurso da academia e o da realidade. É preciso observar que o ritmo dos tempos se materializa nas ações, nas relações sociais de produção. E por que não, produtoras de espaços culturais! Não se nega a importância dos arquétipos culturais, mas o que se procura fazer repensar é a gravidade da sua descontextualização. Como afirma Terry Eagleton no seu livro *A Ideia de Cultura*:

No mundo pós-moderno, a cultura e a vida social estão mais uma vez estreitamente aliadas, mas agora na forma da estética da mercadoria, da espetacularização da política, do consumismo do estilo de vida, da centralidade da imagem, e da integração final da cultura dentro da produção de mercadorias em geral (EAGLETON, 2005b, p. 48).

5 TECENDO AS REFLEXÕES FINAIS

Como primeira conclusiva, afirma-se que há um total afastamento entre o real, o simbólico e o imaginário. Discute-se o imanente, o que provém da realidade do vivido do sentido a partir daquele que fala do Outrem no Mesmo. A ausência da práxis conduz ao discurso desnudado do real. No discurso da diferença, do plural e na crítica ao economicismo, termina-se deslocando o foco paradigmático, esquecendo-se da grande maioria da população mundial, dos sujeitos, assujeitados nos espaços da miséria.

Fundamentados nas análises dos pós-modernos como Jean-François Lyotard e Gianni Vattimo, muitos geógrafos negam o metadiscurso embasados na crítica do pensamento pós-moderno. Na crítica à geografia moderna dos tempos históricos da longa duração, anunciam a geografia do invisível, do instantâneo, dos cidadãos e cidadãs, e paradoxalmente se enroscam no discurso do homogêneo, de todos em nome de Um.

Para Vattimo (1996), diante do progresso tecnológico, a ideia de história como processo unitário, implícita na modernidade, não tem mais sentido, instalando-se uma espécie de imobilidade, da não historicidade ou de pós-historicidade.

A perda da historicidade como fundamento para a dimensão processual direciona a leitura reflexiva muitas vezes banalizada. Em tempos de crise, há um eterno retorno às filosofias antigas; na ausência de explicativas que deem conta do mais novo, recorrem-se aos filósofos clássicos, para dar conta da contemporaneidade, negando-se com isso os avanços epistemológicos. A questão

básica paradoxal é o uso das categorias analíticas subsumidas em outros conteúdos e/ ou vice-versa. É preciso observar que não se nega a importância fundamental do conhecimento de toda e qualquer concepção filosófica, no entanto o que assusta é a corriqueira hipóstase do discurso ideológico em nome da garantia da cientificidade. O que assusta é o retorno engessado cada vez mais aos tempos históricos passados e sua permanência para justificar o hoje. Para se falar de Marx ou negá-lo é, coqueluche reverter a sua leitura a partir de Hegel, da influência hegeliana em contraposição ao mundo objetivo de Kant.

Emília Viotti da Costa, no seu artigo sobre a Dialética Invertida: 1960 – 1990 alertava para o perigo da historiografia se transformar em um exercício puramente estético e retórico, ou um exercício meramente acadêmico que passa a servir a propósitos conservadores. Como analisa a autora, no afã de buscar novos temas, corre-se o risco de afastar-se da realidade e negar a construção de uma sociedade mais justa. Com a mesma preocupação de reafirmar a dialética como método na garantia do real, em 2004, Sena Júnior resgata a reflexão crítica de Emília de Viotti Costa, da década de 1960, focalizando a situação atual nos cursos de Pós-Graduação na ênfase da negação da leitura de Marx. Para este autor, no meio do tiroteio epistemológico, assistimos atônitos ao marxismo como a principal herança a ser abandonada, quando não o principal inimigo a ser abatido.

Afirma-se que, ao se descontextualizar o real na tentativa de dar conta de uma cientificidade, abstrai-se das condições e contradições da realidade, o que resulta na substituição da teoria pela metodologia, que representa o caráter apologético da afirmação do discurso da negação da história e consequentemente do congelamento do real ao natural.

A ciência não muda pela imposição de uma simples vontade, mas quando a teoria que a fundamenta se revela incapaz de responder aos anseios e problemas trazidos pelo progresso da história. O que se questiona aqui é o que foi alterado no processo de exploração do trabalho? A introdução da técnica? Em que se altera o conteúdo das relações face à opressão, à violência da superexploração da extração do tempo de trabalho, da perversa especulação da inteligência humana, que antes de constituir a sua libertação tem transformado a sua existência no inferno dantesco?

Nos anos de 1980, a economia do Japão cresceu a passos largos e o país foi visto como destinado a ultrapassar os Estados Unidos no posto de maior economia do planeta. Face ao grande boom do Japão, teóricos do desenvolvimento enaltecem este país como modelo para uma política de recuperação bem-sucedida a ser emulada pelo Terceiro Mundo. No início dos anos noventa, estourou a bolha imobiliária japonesa.

Por fracassarem na busca de um emprego ou sentirem que não estão desempenhando o serviço a contento, 150 japoneses com menos de 30 anos cometeram suicídio em 2011. É o segundo ano consecutivo em que se atinge esse número. No Japão, cerca de 30 mil pessoas decretam a própria morte por desajustes familiares, financeiros, de saúde, e de frustração no trabalho. Isto significa que a cada 17 minutos um cidadão japonês se suicida⁷.

Na China, o suicídio entre jovens trabalhadores tem sido crescente. Em 2010, a fábrica *Apple* ficou famosa depois de uma série de suicídios de funcionários no local. A *Foxconn*, fornecedora da *Apple*, obrigou os funcionários da empresa a assinarem um acordo em que eles prometem que não vão cometer suicídio enquanto trabalharem e morarem nas instalações da *Foxconn*⁸. Nos últimos dez anos, a *Apple* se tornou uma das mais poderosas companhias do planeta. Está prevista uma alta de quase 100% em seu crescimento no mercado chinês este ano de 2012. Segundo informações, as vendas estão em caminho para dobrar ante os US\$ 13,3 bilhões do ano passado de 2011⁹.

O lucro exorbitante obtido é alcançado com a extração das horas de trabalho não pagas. Segundo o relatório, a *Apple* conduziu 229 auditorias em 2011 (sendo que 100 foram em fábricas nunca auditadas), um aumento de 80% em relação ao ano de 2010. Questões apresentadas na auditoria: 93 unidades tinham registrado que mais de 50% dos seus empregados ultrapassaram o limite de 60 horas semanais; 108 unidades (cerca de 70% do total) auditadas não pagaram hora extra de forma correta; 67 unidades deduziram o salário de seus empregados como medida disciplinar; 42 delas atrasam pagamentos; e 68 não garantem os benefícios determinados por lei a seus funcionários, como férias e previdência.

Na Europa, dados oficiais do governo grego apontam que os suicídios aumentaram em 40% entre 2010 e 2011. Para a ONG Klimaka, que se ocupa de dar assistência aos indigentes de Atenas, a realidade é que o número dobrou. Na Itália, a imprensa local registrou já cinco suicídios em apenas duas semanas, todos ligados a problemas econômicos¹⁰.

⁷ PAVABLOG. Falta de trabalho faz crescer suicídios de jovens japoneses, 14 mai 2012. Disponível em: <http://www.pavablog.com/2012/05/14/falta-de-trabalho-faz-crescer-suicidios-de-jovens-japoneses/>. Acessado em 25 de maio de 2012.

⁸ Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI5116506-EI12882,00-Fabrica+da+Apple+proibe+funcionarios+de+cometer>. Acessado em 25 de maio de 2012.

⁹ G1 GLOBO. Vendas da Apple disparam na China, mas crescimento pode cair, 27 abr 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/vendas-da-apple-disparam-na-china-mas-crescimento-pode-cair.html>. Acessado em 25 de maio de 2012.

¹⁰ UNISINOS. Grécia tem o 2º dia de protestos por suicídio, 07 abr 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/508241-grecia-tem-o-2odiade-protestospor-suicidio>. Acessado em: 25 maio 2012.

No mundo da globalização, *Tanatos* (o deus da morte) impera sobre *Eros* (deus do amor). O inferno se instala como tensão de vida e morte. No tempo e espaço da permanência das desigualdades sociais, somos obrigados a nos remeter ao marxista Hobsbawm (1995), ao alertar que a tarefa central posta para os intelectuais do novo milênio não deveria ser a do regozijo sobre o cadáver do comunismo soviético, mas a de reflexão sobre os efeitos inatos do capitalismo.

6 NAS ARMADILHAS DA CONCLUSÃO

A grande tarefa hoje está em pensar sobre as mudanças que renovam este sistema, sem perder de vista sua velha lógica, dado que tais mudanças não podem ser tratadas à parte, porque são tão inerentes a esse sistema quanto às batidas do coração pertencem ao organismo que as apresenta.

É corriqueira na academia a utilização de novos em velhos chavões para se detonar os discursos e os autores do marxismo, como: “superados” e “pré-cambrianos”. Em geral, sempre se parte da crítica a Marx para negar-se Marx. Da crítica a sua economia política, tendo como contraponto uma realidade histórica, demonstração decantada do desencantamento com a “queda do muro de Berlim,” como ato e fato de uma verdade absoluta do fim do socialismo: *alla jacta est*. Verdade incontestável dos que primam em se considerarem os mais que perfeitos sujeitos históricos, desistoricizados da pós-modernidade, portanto da crítica a tudo que considera engessado na explicativa sobremaneira através do materialismo histórico dialético.

Na realidade, como dizia o próprio Marx, não se busca a raiz, mas a crítica especulativa na dimensão empiricista localizada - o aparente, sem a compreensão da totalidade das relações historicamente produzidas - da sua essência.

A partir da reflexão do conceito de Homem em Marx é que se pode entender seus pressupostos de mundo e de sociedade. Desta forma, pode-se chegar a compreender o que representa a leitura marxista nos tempos atuais; o que nos fala o marxismo hoje e se ainda fala? Para Karl Marx, a realidade deve ser compreendida na esfera do trabalho, sob a forma da atividade humana sensível, enquanto intervenção apropriadora do homem sobre os objetos naturais. Ao produzirem seus meios de vida, os homens produzem sua própria vida material. O trabalho é a condição de sua existência. Logo, o Homem (enquanto sujeito da atividade humana - Trabalho) se reconhece no plano da objetividade, se reconhece pelo e no trabalho. Na medida em que ele deixa

de ser sujeito reconhecido – o refletido (consciência em si) - ele deixa de ser sujeito e se estabelece no plano do aparente, do ilusório (da alienação, dos fetiches).

Não se refere aqui à compreensão do trabalho enquanto categoria, prático-sensível, mas da superação da divisão social do trabalho, do fim da exploração do trabalho.

Não se faz aqui o discurso da visão teleológica, do finalismo da historiografia tão proclamada do século XIX, pois se entende que um fenômeno histórico só se torna compreensível por meio da construção de todas as partes, e as partes se sucedem em formas descontínuas, porque contraditórias.

Não se nega a história dos acontecimentos, do cotidiano. Mas o que se nega, como afirma Carlo Ginzburg (2007, p. 277), são as posições “relativistas, dentre elas a que reduz a historiografia a uma dimensão textual, privando-a de qualquer valor cognoscitivo”. O “eu é poroso” e os limites do eu são móveis e incertos. O homem só se realiza socialmente, e não a partir da individualidade (dimensão antropológica). A essência humana é o conjunto das relações sociais.

Não se fala aqui da dimensão da individualidade, mas em nome do mundo desvelado das geografias dos pescadores, dos camponeses, dos negros, dos indígenas, enfim dos que vivem do trabalho: dos empregados e desempregados.

Fala-se dos muitos Severinos e as Severinas de Maria¹¹, que vivem na mesma serra magra e ossuda, de um hectare de terra, de pedra e areia lavada que cultiva. São muitos os Severinos e as Severinas de Maria, iguais em tudo na vida, na mesma cabeça grande, que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido, sobre as mesmas pernas finas, iguais em tudo na vida. Que o único ofício aprendido é o de trabalhar, de sol a sol, comer quando há o quê, e, havendo ou não, trabalhar.

Neste momento histórico em que assistimos mundialmente a expansão do neo fascismo, com a perda dos direitos da igualdade, da liberdade, reafirmo a categoria totalidade como princípio, sem, contudo perder de vista as contradições processuais frente às mediações de primeira e segunda ordem do capital, que permitem identificar e superar as diferenças: as especificidades na singularidade das relações historicamente produzidas, e colocarmos nossas esperanças na Geografia que buscamos fazer na nossa práxis, da teoria crítica pela supressão da mercadoria, da supressão do capital, geografizando os limites das necessidades e possibilidades, definidas como produção de riqueza e não na riqueza da produção.

¹¹ Expressão adaptada do poema de João Cabral de Melo Neto: Morte e Vida Severina.

Falamos da Geografia a partir dos discursos dos desiguais, dos que se encontram cada vez mais violentados nos espaços da miséria, na possibilidade do se ler e fazer a Geografia da Miséria, antes que a barbárie destrua nossa única utopia da crença e da esperança.

Para Marx, a principal insuficiência de todo o materialismo é que as coisas [*der Gegenstand*], a realidade, o mundo sensível são tomados apenas sob a forma do *objecto* [*des Objekts*] ou da contemplação [*Anschauung*]; mas não como *atividade sensível humana, práxis*. Os feuerbachianos não veem o mundo sensível como atividade humana sensível *prática*. A atividade humana não é considerada como atividade objetiva [*gegenständliche Tätigkeit*]; para estes apenas a atitude teórica é genuinamente humana. “É na práxis que o ser humano tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o carácter terreno do seu pensamento” (MARX, 2007).

Na VIII Tese sobre Feuerbach, Marx afirma que a teoria não pode ser separada da prática, separando-se a prática da teoria esta se torna mistério e misticismo. O homem é um ser social, através de seus atos e ações ele interage com os outros homens produzindo história. O modo como ele produz e faz socialmente sua vida, sua própria história, não o faz arbitrariamente, por livre escolha, mas nas condições dadas diretamente e herdadas do passado. A história dos homens é a história em processo, do vir a ser cotidiano. Tudo que o homem faz no vir a ser, ele o faz na necessidade da produção. As relações entre os homens são mediadas pelas necessidades.

Para Marx, o homem é um ser sensível por ser objetivo. Ser sensível é ser real. O homem como ser sensível objetivo é um ser que sofre, e porque sente o seu sofrimento, é um ser impulsivo. A emoção intensa, a paixão é a faculdade do homem por se esforçar energicamente para alcançar o seu objeto.

7 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **O Mal-estar da pós-modernidade**. São Paulo: Zahar, 1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Geografia Brasileira Hoje: Algumas Reflexões, in, **Revista Terra Livre**, São Paulo: AGB, Ano 18, vol. 1, n. 18, jan/jun/2002, p. 161 a 178.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício**, tradução Rosa Freire d´ Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTILLOS, Christian. **La crisis internacional, sus perspectivas y el programa de los revolucionários**. Disponível em: www.pts.org.ar/spip.php?article10832. Acessado em: 25 maio 2012.

CHESNAIS, François. **As raízes da crise econômica mundial**, Conferência proferida em Salvador/BA no dia 13 de junho de 2012, tradução de Rosa Maria Marques. (texto digital impresso).

COSTA, Emília Viotti. A Dialética Invertida: 1960-1990, in **Revista Brasileira de História**, São Paulo, 1994, v.14, n. 27, p. 9-26.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo**, v. 2, tradução Álvaro Cabral, São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1994.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. Tradução Sandra Castello Branco, São Paulo: Editora UNESP, 2005a.

EAGLETON, Terry. **Depois da Teoria: Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo**, Tradução de Maria Lúcia Oliveira, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, b.

GALEANO, Eduardo. **Império do Consumo**, edição 2007 disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=90. Acessado em: 25 de maio de 2012.

HARVEY, David. **A Condição Pós Moderna**. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo, Edições Loyola, 2007.

HEIDEMANN, Dieter. Migrantes e a Crise da Sociedade do Trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação, in **Caderno de Trabalho de campo do XV ENG/AGB**, São Paulo, 2008, p. 6-13.

HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. Tradução de Marcos Santa Rita, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KURZ, Robert. **Ontologia Negativa: as eminências pardas do iluminismo e a metafísica histórica da Modernidade.** Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz115.htm>. Acesso em: 25 de maio de 2012.

KURZ, Robert. **Fome em Abundância, Com Todo Vapor ao Colapso**, São Paulo: Ed. p. 223-230, 2003.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**, tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano, São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MÉSZÁROS, István. **O Poder da Ideologia**, tradução Paulo Cezar Castanheira, São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

PETRAS, James. **Que crise económica? Os lucros aumentam!** Disponível em www.resistir.info.com. Acessado em: 27 de agosto de 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1980.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias F. de. A dialética em questão: considerações teórico-metodológicas sobre a historiografia contemporânea, in **Revista Brasileira de História** vol. 24, n. 48, São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200003. Acessado em: 25 de maio de 2012.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Eduardo Brandão, 1996.